

EXALTAÇÃO

Vladimir Vieira¹

O termo *Schwärmerei* possui uma longa tradição de debate filosófico no período da *Aufklärung*, a qual exerceu influência decisiva sobre a concepção kantiana a respeito da exaltação. É importante compreender, ainda que preliminarmente, esse contexto, porque o modo como o pensador responde a ele e, ao mesmo tempo, o reinterpreta criticamente determina os vários significados que a palavra ganha em suas diferentes obras – o que explica também, em parte, a diversidade que se verifica em suas traduções para o português.²

Em seu sentido original, *Schwarm* significa “enxame”, animais – especialmente abelhas – que formam um agregado móvel desordenado. Embora sem limites claramente definidos, portanto de certo modo disforme, este conjunto de pequenos insetos realiza ações coletivamente, e ao fazê-lo produz uma espécie particular de ruído. Como indica La Volpa (1997), os primeiros usos figurados desse termo remontam a meados do século XVI. Quando a Reforma Protestante ameaçava exacerbar-se a ponto de assumir, em seus desdobramentos mais radicais, as características de uma revolução social, era assim que Lutero se referia, pejorativamente, aos grupos de fiéis que se apinhavam em torno de seus adversários políticos.

O verbo *schwärmen* denotava, contudo, também um excesso da alma. Trata-se da suposta comunhão com o divino que, segundo os pastores, encontrava-se na origem dos sermões que lhes permitiam agregar os fiéis ao redor de si. Lutero denunciava esta posição como aquela de um impostor, fundada em uma interpretação equivocada da doutrina protestante que professava o contato imediato com Deus. Nesta acepção, portanto, o *Schwärmer* é aquele que possui a imaginação inflamada por fantasias de revelações que nunca tiveram lugar; *Schwärmerei*, por sua vez, denota sua atitude, o fanatismo, a insanidade provocadas por uma falsa inspiração divina.

Ao longo dos dois séculos que separam o período das Guerras Camponesas e a *Aufklärung*, o termo *schwärmen* ampliou consideravelmente o seu domínio de aplicação. Ele passou a ser empregado, de modo geral, às mais diversas situações em que se manifestam excessos

no sujeito: excessos mentais, nos casos em que a condição exaltada era diagnosticada como uma doença provocada por defeitos nas faculdades, vapores e emanações ou agentes externos; excessos sociais, quando ela era associada ao fanatismo político que mobiliza turbas revolucionárias; excessos culturais, se ela é comparável a manias e obsessões tais como aquela que, segundo a percepção de diversos autores, se formara no final do século XVII a respeito dos romances.

Embora não tenha sido integralmente abandonado em obras posteriores, esse sentido originário do termo *Schwärmerei* – ligado, de um ponto de vista estritamente religioso, ao fanatismo, mas também a toda espécie de intemperanças do ânimo em sua acepção laica – se faz presente de forma especialmente notável em dois célebres escritos do período pré-crítico. Em seu esforço para esboçar uma “pequena onomástica” (AA 02: 260.11), o *Ensaio sobre as doenças da cabeça*, de 1764, divide, inicialmente, as enfermidades mentais entre aquelas que despertam desprezo ou compaixão [*Mitleiden*] (263.26-27) e, em seguida, essas últimas entre as que remontam seja à impotência [*Ohnmacht*], seja à inversão [*Verkehrtheit*] (263.31). As inversões, por sua vez, dizem respeito a diferentes faculdades do ânimo: aos “conceitos empíricos”, à faculdade de julgar ou à razão. Ao primeiro subgrupo, aquele que Kant denomina “loucura” [*Verrückung*], pertence o indivíduo que “sem um grau especialmente notável de uma doença veemente, costuma, no estado de vigília, representar certas coisas como claramente sentidas das quais não há, contudo, nada presente” (265.13-16). Uma tendência a esse estado moderado de confusão em que a visão dos sentidos “é apenas em parte uma quimera, na maior parte entre tanto um sensação efetiva” (265.17-18) se chama “fantasismo” [*Phantasterei*].

Tomando-se as ideias do *Ensaio* à luz de desenvolvimentos posteriores da filosofia transcendental, o “fantasismo” parece sugerir um excesso anímico que leva o sujeito a tomar como objetos de uma experiência efetiva representações da faculdade da imaginação que não possuem intuições correspondentes na sensibilidade. Kant menciona como casos dessa enfermidade a hipocondria e a melancolia antes de referir-se finalmente à exaltação, em termos que remetem diretamente à preocupação luterana com a suposta comunicação direta do fanático com o divino. Ao contrário do entusiasmo [*Enthusiasm*], sem o qual nunca “foi realizado algo grande no mundo” (267.11), a exaltação produz “um louco que supõe uma inspiração imediata e uma grande intimidade com os poderes do céu” (267.14-15). Para Kant, “a natureza humana não conhece uma ilusão [*Blendwerk*] mais perigosa” (267. 15).³

As *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*, publicadas no mesmo ano, expressam de modo análogo o caráter patológico da *Schwärmerei* em conexão com o fervor religioso. Na seção II, Kant distingue entre temperamentos sanguíneos e melancólicos, indicando como cada um denota no indivíduo, respectivamente, um sentido especial para o belo ou para o sublime.⁴ Se, ao contrário do que ocorre no *Ensaio*, a melancolia não surge aqui como uma doença, mas antes como um tipo anímico fundamental, ela pode também degenerar-se, quando então “a seriedade tende à atimia [*Schwermut*], a devoção [*Andacht*] à exaltação [*Schwärmerei*], o fervor pela liberdade [*Freiheitseifer*] ao entusiasmo [*Enthusiasm*]” (AA 02: 221.36-37).

Os traços específicos dessa degeneração são apresentados na seção IV, consagrada à discussão dos caracteres nacionais em sua relação com o belo e o sublime. Após mostrar em que se diferenciam os sentimentos de espanhóis, italianos, franceses, ingleses, alemães e holandeses,

o filósofo sugere que, sendo “a religião de nossa parte do mundo não uma questão de gosto arbitrário, mas de uma origem mais nobre” (AA 02: 250.05-06), não é possível nesse caso distinguir as qualidades das grandes nações europeias senão pelos seus excessos, os quais se deixam organizar em quatro grupos: a credulidade, a superstição, a exaltação e a indiferença.⁵ A *Schwärmerei* é caracterizada, então, como

[...] por assim dizer uma desmedida da devoção [*andächtige Vermessenheit*], e é ocasionada por um certo orgulho e por uma confiança grande demais em si mesmo para aproximar-se das naturezas celestes e elevar-se [...] acima da ordem habitual e prescrita. O exaltado fala apenas de inspiração imediata e da vida contemplativa [...] (AA 02: 251.06-12).

Se tratara o entusiasmo, na Seção II, como uma degeneração do “fervor pela liberdade”, Kant expressa-se agora favoravelmente em relação a esse sentimento quando comparado à exaltação, retomando argumentos previamente expostos no *Ensaio*. É importante mencionar essa passagem, que tem lugar em uma nota, porque ela torna mais evidente o contexto especificamente religioso em que o termo *Schwärmerei* é empregado nesse escrito. Segundo o filósofo, o exaltado “crê sentir uma comunidade imediata e extraordinária com a natureza superior”, ao passo que entusiasmo “significa o estado do ânimo que foi acalorado acima do grau adequado por algum princípio, seja pelas máximas da virtude patriótica, ou da amizade, ou da religião, sem que a imaginação tenha de criar aqui como que uma comunidade sobrenatural” (AA 02: 251.16).

Com a apropriação desse contexto originário pela filosofia transcendental tem lugar o sentido mais propriamente kantiano do termo “exaltação”. A partir ao menos da *Crítica da razão pura* (1781), ele passa a designar, de modo mais técnico, a tentativa de transgredir os limites do conhecimento que é possível para nós. Não se trata, então, de uma condição mórbida que pode acometer o ânimo excepcionalmente, mas sim de um erro comum a que está exposto todo pensamento sem crítica.

Esse deslocamento semântico para fora do âmbito das patologias se torna evidente no prefácio à segunda edição da *CRP*, que arrola a *Schwärmerei* ao lado de outras doutrinas produzidas pela metafísica que ainda não sofreu a ação profilática da “crítica da razão” – tais como o materialismo, o fatalismo, o ateísmo, mas também “o idealismo e o ceticismo, que são mais perigosos para as Escolas e dificilmente podem passar até o público” (AA 03: 21.13-15).⁶ Não é surpreendente, portanto, que o nome de Locke seja mencionado nesse contexto, em um trecho do §14 que consta apenas na edição de 1787. Por proceder de modo tão inconsequente, na medida em que “arriscou tentativas de conhecimento que vão muito além de todos os limites da experiência” (AA 04: 105.21-22), o filósofo inglês teria aberto “as portas à exaltação, pois a razão, quando tem a seu lado direitos, não se deixa mais deter em limites por meio de indeterminadas recomendações de moderação” (106.06-09).

Como Kant indica de modo mais explícito no final dos *Prolegomena* (1783), a *Schwärmerei* só pode surgir em uma época esclarecida ocultando-se “por trás de uma metafísica de Escola, sob cujo abrigo pode arriscar-se a delirar com a razão” (AA 04: 385.20-21). Aqui, contudo, é Berkeley o filósofo associado de modo mais destacado a ela. O pensador irlandês representa o

idealismo “propriamente dito”, não transcendental, o qual “tem sempre um propósito exaltado e não pode, tampouco, ter outro”, como sugere o Anexo I.⁷

Outra passagem dessa obra permite determinar com maior precisão em que medida esse novo sentido crítico se diferencia daquele que encontramos, por exemplo, nas *Observações*. No §35, Kant caracteriza a exaltação como um movimento em que o ânimo “não se mantém cautelosamente dentro dos limites da experiência” (317.06-07). O filósofo introduz, entretanto, uma qualificação ulterior: isso é perdoável quando a faculdade envolvida é a imaginação, já que “ao menos ela é avivada e fortalecida por meio de um tal impulso livre, e será sempre mais fácil moderar a sua audacidade do que auxiliá-la em sua debilidade” (317.07-09). O mesmo não se aplica, entretanto, ao entendimento, pois “somente nele se baseia todo auxílio para pôr limites, onde é necessário, à exaltação da imaginação” (317.11-12). Ao primeiro caso, que é aquele descrito nos escritos pré-críticos discutidos acima, contrapõe-se portanto um segundo, que ganha significação apenas no âmbito da filosofia transcendental.⁸

Se Kant cultiva, após 1781, um interesse pela *Schwärmerei* que ultrapassa aquele pertinente ao rol das enfermidades mentais, não se verifica correlatamente um abandono da preocupação com a exaltação religiosa, mesmo em termos que ainda remetem mais diretamente ao seu contexto originário. Em *A religião nos limites da simples razão* (1793), o filósofo de Königsberg censura o tipo de intérprete que “não carece nem de razão, nem de erudição, mas apenas de um sentimento interno para reconhecer o verdadeiro sentido das escrituras e, simultaneamente, a sua origem divina” (AA 06: 113.28-30), expondo-se assim ao risco de “abrir as portas a toda exaltação e fazer mesmo o inequívoco sentimento moral perder em dignidade por meio de seu parentesco com outro [sentimento] fantástico qualquer” (114.09).⁹ A passagem indica, entretanto, também o modo como esse problema será refigurado para operar dentro do quadro categorial da filosofia transcendental – a saber, com o intuito de proteger a religião de transgressões críticas que prejudicariam as suas conexões com a moralidade.

Ilustram tal caso, de modo mais evidente, as reiteradas advertências do filósofo sobre os riscos de empregar categorias que se aplicam apenas à experiência para derivar propriedades de entes suprassensíveis. Nas observações que se seguem a cada uma das quatro partes desse mesmo escrito, Kant discute como “a razão, com a consciência de sua incapacidade para dar satisfação à sua carência moral, estende-se até ideias extravagantes [*überschwenglich*], que poderiam compensar essa falta [...]” (52.21-24), bem como as consequências negativas do emprego de tais “ideias moralmente transcendententes” (52.36-37) na religião. A primeira e a última, relacionadas à graça, são especificamente caracterizadas como exaltadas: trata-se da suposição de que é possível experimentar internamente os efeitos da influência divina ou despertá-la pela mobilização dos recursos adequados, tais como preces ou iniciações.¹⁰ Como indica o filósofo, elas não devem ser agregadas às máximas da razão, pois não se podem tornar os efeitos “teoreticamente cognoscíveis (que são efeitos da graça, e não da natureza interna), uma vez que nosso uso do conceito de causa e efeito não pode ser ampliado além dos objetos da experiência, portanto além da natureza [...]” (53.14-19).¹¹

A argumentação kantiana em favor da utilidade moral da prova da existência de Deus, exposta no §87 da *Crítica da faculdade do juízo*, também pertence a esse âmbito de preocupa-

ções. Em linhas gerais, a estratégia dessa passagem consiste em sugerir que a deliberação moral exige pressupor uma causa última, sem que seja necessário postular o que quer que seja sobre a natureza “física” de um tal ente. Não se trata, portanto, de “uma prova da existência de Deus objetivamente válida”, mas antes de um “argumento moral” que levaria o cético a reconhecer que, “se deseja pensar moralmente de modo consequente, teria de acolher a admissão deste princípio entre as máximas de sua razão prática” (AA 05: 450). A prova se torna útil, argumenta Kant em seguida no §89, porque por meio dela a teologia permanece livre de quaisquer transgressões no que diz respeito aos limites do conhecimento empírico. Ela não se deixa mais confundir, portanto, com a teosofia, a demonologia, a idolatria ou a teurgia – a qual, sugere o autor, é “uma ilusão exaltada de poder ter o sentimento de outros entes suprassensíveis e exercer, por outro lado, sobre eles influência” (459.18-19).¹²

A *Crítica da razão prática* (1788) expressa igualmente esse sentido técnico geral da *Schwärmerei*, ao insistir que a relevância do conceito de um ente suprassensível para a filosofia moral não autoriza de modo algum a tentativa de conhecê-lo.¹³ Encontramos, contudo, no terceiro capítulo da “Analítica” também um uso mais específico desse termo, pertinente, de modo mais próprio, ao domínio prático. Kant caracteriza aqui a “exaltação moral” como uma condição que leva o sujeito a agir não por respeito à lei, mas antes por uma afecção patológica; não por virtude, mas pela “santidade na suposta posse de uma total pureza das disposições da vontade” (AA 05: 84.34-35). Como afirma o filósofo um pouco mais abaixo:

Se, em sua significação mais universal, a exaltação é a ultrapassagem, empreendida por princípios, dos limites da razão humana, a exaltação moral é então essa ultrapassagem dos limites que a razão pura prática coloca para a humanidade, na medida em que proíbe colocar os fundamentos de determinação subjetivos de ações conformes ao dever [...] em qualquer outro lugar senão na própria lei, e a mentalidade, que é posta por meio disso em máximas, em qualquer outro lugar senão no respeito a essa lei, comandando-nos a fazer do pensamento do dever, que abate toda arrogância e todo vão amor-próprio, o mais alto princípio vital de toda moralidade no ser humano (85.34-86.07).

A religião provê um contexto especialmente profícuo para a ocorrência dessa espécie de transgressão, na medida em que pode levar o sujeito a ignorar que “apenas em um progresso que vai ao infinito se pode alcançar total adequação à lei moral” (122.26-28). Na “Dialética”, Kant denomina “exaltados sonhos teosóficos” (123.01) a pretensão à “total aquisição da santidade da vontade” (122.35).

Observam-se ainda ao menos mais dois sentidos, também específicos, do termo *Schwärmerei* na obra kantiana. O primeiro tem lugar no contexto da disputa acerca da suposta filiação de Lessing ao espinosismo. Denunciada por F. H. Jacobi, ela serviria de estopim para uma polêmica com Moses Mendelssohn, em meados da década de 1780, sobre a propriedade da aplicação do racionalismo ao pensamento moral e religioso. Jacobi advogava contra a teologia racional, a qual sempre leva, segundo o seu ponto de vista, a um panteísmo semelhante àquele atribuído ao filósofo holandês quando abordada de forma consequente. Mendelssohn, por sua vez, via nesse ataque à racionalidade evidências de exaltação. Jacobi defendera-se dessa acusação argumentando que seu propósito era remeter “à trilha plana e segura da fé aqueles que se perderam no deserto da especulação” (1912, p. 270), e buscara apoio em trechos da *Crítica da razão pura* para sustentar que, como seu autor, ele apenas afirmara a impossibilidade de estender

nosso conhecimento a entes suprassensíveis, pois “só se pode *crer* em Deus, e só *de modo prático* tornar-se inabalável nessa crença” (p. 306).

Kant contribuiu para a contenda com o ensaio “O que significa orientar-se no pensamento”, publicado no *Berlinische Monatschrift* em 1786, no qual se posiciona em favor de Mendelssohn. Mas, para esse fim, tornou-se necessário introduzir um deslocamento em relação ao sentido mais geral de exaltação que, como indicara Jacobi, poderia aplicar-se a seu adversário. Quando a razão, “saindo de objetos conhecidos (da experiência), quer ampliar-se além de todos os limites da experiência, e não encontra absolutamente nenhum objeto da intuição, apenas espaço para ela” (AA 08: 136.05-08), é possível orientar-se, como na geografia. Tal orientação não é outra senão o sentimento de uma carência da razão, que determina uma direção no vasto campo do suprassensível, integralmente desconhecido para nós.

Assim, algumas investigações nesse domínio se justificam porque respondem a uma necessidade da própria razão, e constituem-se, desse modo, como fundamento para a formulação de máximas subjetivas. Pode-se, por outro lado, “pensar em muito que é suprassensível (pois os objetos dos sentidos não preenchem o campo inteiro de toda possibilidade) até onde a razão não sente qualquer carência de se ampliar, menos ainda de admitir a existência” (137.13-16). A exaltação é caracterizada, nesse escrito, como a consideração acerca desse tipo de objeto. Não se trata, portanto, meramente da tentativa de obter um conhecimento daquilo que não se dá na experiência, mas de proceder desse modo descuidadamente, sem se orientar no pensamento. “Quando se nega à razão”, sugere Kant mais à frente, “o direito que lhe cabe de falar primeiro em coisas que dizem respeito a objetos suprassensíveis, como a existência de Deus ou o mundo futuro, abre-se uma ampla porta a toda exaltação, superstição, mesmo ao ateísmo” (143.07-10).

Como se vê, o filósofo chancela em certa medida a investigação de Mendelssohn porque ela é “orientada”, ou seja, porque responder à questão acerca da existência de Deus é requerido pela própria razão: do ponto de vista teórico, como um substrato suprassensível do sensível “sem o qual ela não poderia fornecer a si mesma nenhuma razão satisfatória para a casualidade da existência das coisas no mundo, ao menos não para a conformidade a fins e a ordem que encontramos em toda parte [...]” (138.02-06); do ponto de vista prático, pelas suas implicações morais, como já indicado na discussão acima acerca de *A religião nos limites da simples razão*. “Não foi pelo conhecimento, mas por uma carência da razão, sentida por ele, que Mendelssohn orientou-se (sem saber) no pensamento especulativo” (139.33-35); ele não foi, portanto, um exaltado, ainda que tenha errado ao supor “tanta capacidade nessa especulação a ponto de realizar tudo, sozinha, pela via da demonstração” (140.07-09).

Resta ainda mencionar um último sentido da exaltação na obra de Kant, aquele que se conecta mais proximamente à tradição da qual se costuma tomar a *Crítica da faculdade do juízo* como primeira grande síntese filosófica. Como indica ainda La Volpa em seu estudo, a secularização da *Schwärmerei* e sua disseminação entre os mais diferentes domínios levou alguns autores da segunda metade do século XVIII a tomarem-na como um sinônimo de *Enthusiasm*. Esse termo, originalmente ligado à inspiração que está na base da criação artística, equiparava-se assim à falsa inspiração divina, ou a excessos anímicos de ordem patológica.

Com o intuito de preservar a dignidade estética do entusiasmo, evitando a sua contaminação pela carga semântica negativa associada à exaltação, diversos pensadores do período sugeriram que se deveriam diferenciar radicalmente as duas palavras, bem como aquilo que cada uma designa. Wieland, por exemplo, defendera essa posição ao comentar uma preleção, publicada no *Teutsche Merkur*, em que o então professor de geografia e história da Universidade de Zurique Leonhard Meister empregava-as de maneira intercambiável. “Muitos eruditos”, sugere o editor, “ainda empregam *Schwärmerei* e *Enthusiasm* como palavras de mesmo significado, confundindo dessa forma conceitos que deveriam ser separados com extremo cuidado” (1775, p. 151). A primeira denomina uma enfermidade do ânimo que solicita mais piedade do que ódio, ao passo que a segunda é “o efeito do intuir imediato do belo e do bom, do perfeito e do divino na natureza, e no mais íntimo de nós, seu espelho”; um aquecimento da alma “tão natural quanto o ferro tornar-se incandescente no fogo” (pp. 152-153).

Kant não aborda esse tema em conexão com a questão acerca da criação artística mas, em diversos momentos de sua obra, propõe distinções que parecem fazer eco às considerações de Wieland. Dão testemunho dessa preocupação não apenas as passagens supracitadas do *Ensaio sobre as doenças da cabeça* e das *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*, mas também a “Observação geral à exposição dos juízos estéticos reflexionantes” que se segue à “Análítica do sublime” na *Crítica da faculdade do juízo*. Aqui o filósofo qualifica o entusiasmo como “a ideia do bom com afeto” (AA 05:271.37-272.01), sugerindo que ele ganha relevância no âmbito da estética porque “é uma tensão das faculdades, por meio de ideias, a qual dá ao ânimo um impulso que atua muito mais poderosa e duradouramente do que a impulsão por representações dos sentidos” (272.09-11). A exaltação, por outro lado, é “uma ilusão de ver algo além de todos os limites da sensibilidade, isto é, de desejar sonhar segundo princípios (delirar com a razão)” (275.07-09).

Essa distinção é estabelecida, ulteriormente, com base em uma outra mais fundamental. Kant sugere, em uma nota, que afetos e paixões são “especificamente diferentes”: aqueles “referem-se meramente ao sentimento”, enquanto estas são inclinações sensíveis que prejudicam ou mesmo impedem completamente a determinação da vontade por princípios. Entre os primeiros encontra-se, por exemplo, a raiva; entre as segundas, o ódio como “sede de vingança”. O afeto é “tempestuoso e não deliberado”; a paixão, “duradoura e refletida”. Se em presença do primeiro “a liberdade do espírito é inibida”, a segunda a suspende [*aufheben*] complementemente (272). O filósofo, então, conclui o seguinte:

No entusiasmo, como afeto, a faculdade da imaginação está sem arreios [*zügellos*]; na exaltação, como paixão arraigada que remoe [*brütend*], sem regras [*regellos*]. O primeiro é um acidente passageiro, que talvez atinja por vezes mesmo o entendimento mais saudável; a segunda uma doença que o dilacera [*zerrüttet*] (275.17-21).

Como no período pré-crítico, portanto, a posição expressa na *CFJ* valoriza o entusiasmo frente à exaltação, que é ligada, embora em termos distintos, a excessos anímicos e mesmo patológicos.

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar diferentes formulações do conceito de exaltação [*Schwärmerei*] ao longo da obra kantiana. O trabalho discute, inicialmente, as origens religiosas do uso figurado desse termo, que remontam a Lutero e que influenciaram o modo como ele é empregado nos textos pré-críticos de Kant. Em seguida, o texto percorre seus diferentes desdobramentos a partir do desenvolvimento da filosofia crítica, em particular no que diz respeito ao modo como ele se relaciona com os problemas do conhecimento, da moral e com a ideia de sublime.

PALAVRAS-CHAVE: Kant; exaltação; entusiasmo; fanatismo.

ABSTRACT: This paper aims at presenting different formulations of the concept of exaltation [*Schwärmerei*] in Kant's philosophy. Initially, I present the religious background that marks its figurative use in the works of Lutero and which plays a major role in Kant's pre-critical works. Secondly, I discuss its further developments in Kant's critical philosophy, especially its connections with the question about the possibility of knowledge, with moral problems and with the idea of sublime.

KEYWORDS: Kant; Exaltation; Enthusiasm; Fanaticism.

REFERÊNCIAS / REFERENCES

ALLOUCHE-POURCEL, B. *Kant et la Schwärmerei: Histoire d'une fascination*. Paris: L'Harmattan, 2010.

DAVID-MÉNARD, M. *A loucura na razão pura: Kant, leitor de Swedenborg*. São Paulo: Editora 34, 1996.

HINSKE, N. "Zur Verwendung der Wörter 'schwärmen', 'Schwärmer', 'Schwärmerei', 'schwärmerisch' im Kontext von Kants Anthropologiekolleg: Eine Konkordanz". In: *Aufklärung*, v. 3, n. 1 (1988), pp. 73-81.

JACOBI, F. H. *Jacobis Spinoza-Büchlein nebst Replik und Duplik*. Edição organizada por Fritz Mauthner. München: Georg Müller, 1912.

JOHNSON, G. R. "The Tree of Melancholy: Kant on Philosophy and Enthusiasm". In: FIRESTONE, C. L.; PALMQUIST, S. R. *Kant and the New Philosophy of Religion*. Bloomington: Indiana University, 2006.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. Tradução de Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. *Prolegômenos*. Tradução de Tania Maria Bernkopf. Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

_____. *Crítica da faculdade do juízo*. Tradução de Valério Rohden e António Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

_____. *Crítica da razão pura*. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Mourão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. LA VOLPA, A. J. "The Philosopher and the 'Schwärmer': On the Career of a German Epithet from Luther to Kant". In: *Huntington Library Quarterly*, v. 60, n. 1/2 (1997), pp. 85-115.

LA VOLPA, A. J.; KLEIN, L. (orgs.) *Enthusiasm and Elightment in Europe*. San Marino: Huntington Library, 1998.

MEISTER, L. "Auszüge aus einer Vorlesung über die Schwärmerei". In: *Der teutsche Merkur*. 1775, 4. V., pp. 134-151.

PEREZ, D. O. "A loucura como questão semântica: uma interpretação kantiana". In: *Trans/Form/Ação*, v. 32, n. 1 (2009), pp. 95-117.

PIMENTA, P. P. G. “Entusiasmo e fanatismo na filosofia crítica”. In: *Discurso*, n. 34 (2004), pp. 271-294.

SOROMENHO-MARQUES, V. “Sombras e luzes no entusiasmo em Kant”. In: *Philosophica*, n. 24 (2004), pp. 65-78.

VIEIRA, V. “O pensamento crítico de Kant acerca do entusiasmo”. In: MUNIZ, F. (org.) *As artes do entusiasmo*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001.

WIELAND, C. M. “Zusatz der Herausgebers”. In: *Der teutsche Merkur*. 1775, 4. V., pp. 151-155.

NOTAS / NOTES

¹ Vladimir Vieira é doutor em filosofia pela UFRJ/PPGF e professor adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Federal Fluminense. Atua nas áreas de estética e filosofia moderna, com ênfase especial sobre a doutrina kantiana, seus precursores e desdobramentos. Publicou artigos sobre autores tais como Kant, Schiller, Schopenhauer, Nietzsche e Hume, e traduziu os ensaios teóricos de Schiller sobre o sublime e a tragédia.

Vladimir Vieira received his PhD in Philosophy from Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGF) and is currently Professor of Philosophy at Universidade Federal Fluminense. His area of research comprises Aesthetics and Modern Philosophy, with emphasis on Kantian philosophy, its predecessors and influences. Vieira has published several papers on authors such as Kant, Schiller, Schopenhauer, Nietzsche and Hume, and translated Schiller's aesthetic essays on tragedy and on the sublime into Portuguese.

² A título de exemplo, a tradução portuguesa da *Crítica da razão pura* utiliza “extravagância” para *Schwärmerei* no §14 (2001, p. 152), ao passo que a tradução brasileira, da coleção *Os pensadores*, emprega a expressão “extravagância da fantasia” (1983, p. 83). Ambas, entretanto, traduzem a ocorrência do mesmo termo no prefácio à segunda edição por “fanatismo” (2001, p. 56; 1983, p. 19). Encontramos diversas outras opções na tradução brasileira dos *Prolegomena*, publicada na mesma coleção: “aberrações” (1984, p. 99); “fantasista” (p. 34) e “místico” (p. 94), para *schwärmerisch*; “divagar” (p. 51), para *schwärmen*. Na tradução da *Crítica da faculdade do juízo* publicada no Brasil pela Editora Forense utiliza-se “exaltação” (1993, p. 122).

³ A abordagem patológica da exaltação persiste ainda na *Antropologia* (1798), embora sem que se destaque a sua conexão com o problema do fanatismo religioso. Cf. AA 07: 202-203.

⁴ Cf. AA 02: 220.12-17; AA 02: 222.08-09.

⁵ Kant fornece dois termos para cada grupo, um deles de origem latina, a saber: “Leichtgläubigkeit”, ou “Credulität”; “Aberglaube”, ou “Superstition”; “Schwärmerei”, ou “Fanaticism”; e “Gleichgültigkeit”, ou “Indifferentism”.

⁶ No prefácio à primeira edição, Kant refere-se ao “exaltado apetite de conhecer dogmático” (AA 04: 10.02). Cf. tb a referência a um “espiritualismo sem fundamento para nós na vida” nos “Paralogismos” (AA 04: 275.04).

⁷ “O idealismo exaltado”, prossegue Kant na mesma nota, “sempre concluiu (como se pode depreender já em Platão), dos nossos conhecimentos a priori (mesmo aqueles da geometria), uma outra intuição que não aquela dos sentidos (a saber, intelectual), porque não ocorrera a ninguém que os sentidos também deveriam intuir a priori” (AA 04: 375). A referência a Berkeley encontra-se no final das “Observações” que se seguem à parte I (AA 04: 293.18). Cf. também referências análogas a Platão na *Crítica da faculdade do juízo*, de 1790 (AA 05: 363-364), e em *Sobre um recentemente enaltecido tom de distinção na filosofia*, de 1796 (AA 08: 391).

⁸ A preocupação de Kant com o primeiro tipo de exaltação – a suposição de que é possível obter intuições de entes suprassensíveis, por exemplo, por meio de um sentido especial – não se restringe ao período pré-crítico e pode ser encontrada em diversos outros momentos de sua obra. Cf., por exemplo, as admoestações que o filósofo dirige contra o teólogo sueco Emanuel Swedenborg em *Sonhos de um visionário explicados por sonhos da metafísica* (1766), escrito usualmente considerado como transicional para o período crítico (AA 02: 364-366), e a referência ao místico francês Guillaume Postel em *O conflito das faculdades*, de 1798 (AA 07: 39). Na *Antropologia*, Kant qualifica a exaltação como uma ilusão por meio da qual “o ser humano toma os fenômenos do sentido interno por fenômenos externos, isto é, imaginações por sensações; ou mesmo por inspirações das quais a causa é um outro ser que não é, no entanto, nenhum objeto dos sentidos externos” (AA 07: 161.22-26); ou ainda como “a originalidade da faculdade da imaginação” que não se harmoniza a conceitos (AA 07: 172.10-12).

⁹ Cf. também a referência em AA 06: 101.33-36.

¹⁰ “Convencer-se de que é possível diferenciar os efeitos da graça daquelas da natureza (da virtude), ou até mesmo produzi-los em si próprio, é exaltação” (174: 09-11).

¹¹ De modo análogo, Kant sugere, no §58 dos *Prolegomena*, que “um uso transcendente de conceitos que temos da razão como uma causa eficiente (por meio da vontade) para determinar a natureza divina por meio de propriedades que são sempre, contudo, tomadas de empréstimo à natureza humana” pode fazer-nos perder em “conceitos grosseiros e exaltados” (AA 03:359.21-25).

¹² Cf. também a passagem final da segunda seção dos “Cânones da razão pura”, segundo capítulo da “Doutrina transcendental do método” da *CRP*, onde Kant insiste sobre o uso estritamente “imaneente” da teologia moral (AA 03: 531.16-23).

¹³ Cf. AA 05: 57.02-12.

Recebido / Received: 14.9.2018.

Aprovado / Approved: 9.10.2018.